

Dos perigos da indisciplina e da falta de afetividade na família e na escola

Joisy da Silva Soares¹

Bernard Pereira Almeida²

Carla Waleska Gomes de Araujo³



10.56238/rcsv14n5-004

RESUMO

O presente artigo busca fazer uma análise das possíveis causas da indisciplina nas escolas e observar sua analogia com a afetividade, levando em consideração a relação existente com os problemas de origem familiar que desencadeiam os problemas afetivos entre o professor e o seu aluno. Possui também o objetivo de estimular uma reflexão a cerca das prováveis razões que remetem à indisciplina de crianças e adolescentes em sala de aula. Discutiremos o papel da escola, dos pais e do professor na formação do indivíduo e os possíveis perigos que podem gerar um ensino que não está pautado na educação familiar e no respeito mútuo entre professores e alunos. O tema fundamenta-se em teorias sobre o convívio familiar, o desenvolvimento da personalidade e a ligação existente entre uma boa educação e a prática docente. Espera-se conseguir com o resultado desta pesquisa motivar um olhar mais criterioso no que toca os desígnios da organização familiar existente, dar mais ênfase aos laços afetivos que necessitam manter-se ativos na educação de crianças e jovens, no intuito de garantir-lhes a formação saudável de sua personalidade.

Palavras-chave: Indisciplina, Afetividade, Educação Familiar.

1 INTRODUÇÃO

Afetividade e indisciplina são questões que estão diretamente ligadas ao desenvolvimento cognitivo da criança e não devem ser ignoradas quando buscamos compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem nas escolas. Torna-se imprescindível que esses pontos sejam abordados com maior enfoque, no intuito de se alcançar melhores resultados na educação de nossos alunos. É necessário que se trabalhe os valores humanos dentro do contexto educacional. Segundo Casarin (2007, p.22), “A criança precisa de afetividade e compreensão para sentir-se segura nos processos de aprendizagem. Um ambiente desfavorável provoca a depreciação do amor, do sentimento de incapacidade, e conseqüentemente, um comportamento social comprometido.”

Nessa pesquisa bibliográfica nos voltaremos para os valores humanos que configuram a formação do cidadão justo, emocionalmente equilibrado e comprometido com o futuro da sociedade.

¹ Pedagoga - UNEAL, 2005.

Especialista em Metodologia do Ensino de Linguagens - EDUCON, 2012.

Mestranda em Educação - UNASUR.

E-mail: joisysilvasoares@gmail.com

² E-mail: bernardadv@hotmail.com

³ E-mail: carlawaleska@hotmail.com

Trabalho apresentado à Universidad Autónoma Del Sul – UNASUR, em parceria com a Central de Ensino e Aprendizado de Alagoas – CEAP, como requisito final para obtenção da nota em Metodologia e Projeto de Pesquisa. Orientado por: Sóstenes Ericson.

Buscou-se apresentar referências teóricas de autores diferentes que seguem a mesma linha de raciocínio de que:

A criança que vive em um ambiente familiar equilibrado e que lhe oferece condições mínimas de experimentar e expressar suas emoções tem chances de lidar com maior segurança e tranquilidade com seus sentimentos e pode, dessa maneira, trabalhar com seus sucessos e fracassos de forma mais adequada. (MARTINELLI, 2001, p.114)

A escola, assim como a família, exerce um papel de fundamental importância na formação desses indivíduos, pois é no convívio com o professor e os colegas que a criança estabelece as afinidades e desenvolve a afetividade. A partir desse conceito, abordaremos assuntos relacionados à função que o professor deverá exercer em sala de aula. Segundo Marchesi (2006),

Atualmente, a tarefa que se espera de um professor é um tanto mais ampla do que transmitir conhecimentos aos seus alunos, o que, faz muito pouco tempo, era sua atividade principal para o que se preparava. Agora fazem falta muitas outras habilidades, sem as quais é difícil conseguir que os alunos progredam na aquisição do saber: o diálogo com os alunos, a capacidade de estimular o interesse por aprender, a incorporação das tecnologias da informação, a orientação pessoal, o cuidado do desenvolvimento afetivo e moral, a atenção à diversidade do alunado, a gestão da aula e o trabalho em equipe.

Outro ponto a ser discutido é a indisciplina que vem ganhando cada vez mais espaço nas escolas. Procuraremos refletir sobre os possíveis motivos que remetem a essa dificuldade que precisa ser investigada no sentido de auxiliar pais e professores. Visamos fornecer um ensino de qualidade e melhorar nossas perspectivas no que diz respeito à indisciplina e um dos pontos para que isso seja alcançado é a valorização e o respeito pelo professor que geralmente se sobrecarrega de afazeres para conseguir uma situação financeira melhor. Eis um dos motivos de não ter tempo para uma aproximação maior com seus alunos. “Professores e alunos dividem o espaço de uma sala, mas não se conhecem. Passam anos muito próximos, mas são estranhos uns para os outros. Que tipo de educação é este que despreza a emoção e nega a história existencial?” (CURY, 2008, p. 101)

Espera-se que com o produto dessa pesquisa pais e professores tenham uma ferramenta a mais de reflexão a cerca da temática abordada, partindo do pressuposto de que a participação da família na escola, bem como a relação professor/aluno, é um ponto importante a ser considerado na garantia do sucesso do ensino/aprendizagem.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica de literatura tradicional, descritiva, de natureza qualitativa, já que a análise se realizou em diversas fontes de pesquisas como conteúdo de livros, artigos científicos, sites, bibliográficas virtuais, que seguiu as seguintes etapas: definição do tema;

seleção da pergunta norteadora; objetivo geral; período de coleta de dados; escolha dos critérios de inclusão e exclusão, número de trabalhos selecionados para revisão bibliográfica, contemplando as propostas para estudos futuros.

3 AFETIVIDADE, INDISCIPLINA E SUA COMPLEXIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR

3.1 A INDISCIPLINA E O PAPEL DA FAMÍLIA NA ESCOLA

A educação em nosso país vem ganhando um foco diferente no que toca à participação dos alunos nas aulas. Hoje se trabalha sob a perspectiva de que para se alcançar um resultado satisfatório, precisamos conhecer nossos alunos e sua relação com o meio. O professor contribui na formação da personalidade da criança. Uma educação entre professores e alunos que não aborde a emoção na sala de aula como a afetividade traz prejuízos para a ação pedagógica, pois podem atingir não só o professor, mas também o aluno. E se o professor não souber lidar com crises emocionais isso poderá provocar desgastes físico e psicológico.

Torna-se cada vez mais comum ouvirmos discussões acerca da indisciplina, temática essa que não surgiu agora. Vasconcellos (2013, p. 6) afirma que a indisciplina sempre existiu, mas antes ela era contida a força. Ou seja, havia uma indisciplina passiva:

de alguma forma conseguíamos “domesticar”, dominar os alunos. Um dos fatores para isso era perceber a escola como um instrumento de ascensão social: “Bem eu não gosto disso aqui, mas suporto porque sei que lá no futuro terei uma recompensa”. Outro fator era a própria pressão da família, que tinha um conjunto de valores semelhantes aos da escola, além da própria sociedade, mais repressora, mais formal nos costumes. Tudo isso favorecia o clima de disciplina na escola.

Pais e professores conseguiam conter os alunos com castigos físicos, sanções pedagógicas ou com grandes sermões que eram expostos pela sociedade, já que a educação só era ofertada a um pequeno grupo seletivo de pessoas. Ou seja, quem detinha o poder detinha também o saber.

Com efeito, até não muito tempo atrás, era bastante comum que os educadores aplicassem, sem muita dúvida, sanções pedagógicas como, por exemplo, escrever mil vezes “não devo conversar na aula” ou ficar em pé horas a fio na frente da classe. [...] Além disso, a hoje denominada “indisciplina escolar” simplesmente motivava a administração mais ou menos cerimoniosa, de castigos corporais. (AQUINO, 1996, p.29)

Hoje há um liberalismo descontrolado que vem tomando grandes proporções no que diz respeito à indisciplina em sala de aula. Aliás, não apenas em sala de aula, mas constantemente presenciamos cena de pais que pedem ajuda à escola na educação dos filhos porque se dizem não poder mais com eles, não serem capazes de controlar seu comportamento. Segundo Casarin (2007, p. 32),

Nos tempos atuais, o desempenho dos pais deixa muito a desejar, principalmente, nos modelos de ensino e aprendizagem, pois isto exige prática e acompanhamento do desenvolvimento, já que a criança, ou adolescente não apresenta maturidade suficiente para enfrentar suas dificuldades sem a presença e os limites colocados pelo adulto.

Dessa forma, torna-se cada vez mais difícil para a escola conter os abusos praticados por crianças e adolescentes que possuem pais com esse perfil.

A instituição “família” tem perdido seu espaço em meio à sociedade capitalista. Pouco se tem valorizado o convívio familiar. Percebe-se que os alunos com baixo rendimento possuem uma base familiar desestruturada, seja no quesito financeiro ou de ordem sentimental, isso quando não ocorre de serem as duas coisas simultaneamente.

A família, que devia ser a célula da sociedade está se esfacelando aos poucos, dando lugar ao liberalismo descontrolado, a procura de segurança no trabalho, no dinheiro, resumindo, em coisas materiais. Estamos perdidos, inseridos em um meio que não percebe a família como a base ou a sustentação para a resolução dessas dificuldades de ordem individual e coletiva. (CASARIN, 2007, p. 29)

Os pais não querem assumir a responsabilidade pela educação dos filhos, consideram-se mais amigos que responsáveis por eles. Essa situação interfere diretamente no desenvolvimento em sala de aula, pois os professores quando não conseguem resolver seus conflitos, impõe a presença dos pais na escola, estes, como foi dito anteriormente, repassam a responsabilidade aos professores que se vêm incapazes de resolver a situação porque perdem a autoridade diante dos alunos que já não os respeitam e nem mesmo aos próprios pais.

A família, antes organizada em função dos adultos, passa a ser organizada em função das crianças. Ontem, sair de casa era ganhar a liberdade, hoje significa perdê-la. Daí a atual queixa de falta de limites nas crianças. Os pais e professores têm medo de impô-los porque significaria impor o registro adulto no qual não acreditam mais. A criança é adulada porque é criança: sua auto-estima já está dada pela própria idade que tem. (AQUINO, 1996, p.22)

Toda essa problemática provoca um aumento desenfreado da indisciplina de crianças e adolescentes em casa e na escola. Indaga-se sobre qual o conceito para uma criança ideal, levando-se em conta o meio social da atualidade. É como se todos os adultos envolvidos na questão estivessem sem saber como agir, lhes faltasse um direcionamento e, portanto, fossem complacentes com os prováveis erros que vêm acontecer.

Ou seja, na forma educada que hoje temos de tratar a infância está em jogo uma operação importante do ponto de vista da economia gozosa do adulto. Assim não deve se surpreender que a imagem de uma criança ideal tire, obcecadamente, o sono dos Espíritos Pedagógicos. (AQUINO, 1996, p.32)

Falta autonomia, seriedade e consistência nas ações realizadas pelos pais e/ou responsáveis pelos menores. Todos almejam apenas que as crianças sejam melhores do que eles foram com aquela idade e isso se constitui em vê-las agindo com autonomia, desafiando seus limites e capazes de tomar suas próprias decisões. Segundo Aquino (1996, p. 32), “Os pais [...] brincam de negar suas diferenças e de serem apenas amigos de suas progenituras, escondem seus valores por medo de contaminá-las, aceitam seus desejos por medo de frustrá-las. E o fato acaba por se repetir na escola.” Para o autor, a escola perde parte de sua autonomia quando passa a ser o templo da juventude, não mais o templo do saber.

3.2 A ESCOLA COMO A ÚNICA RESPONSÁVEL PELA EDUCAÇÃO E DISCIPLINA DO INDIVÍDUO

Torna-se imprescindível à escola que deseja garantir a disciplina e obter o desenvolvimento cognitivo dos alunos o empenho em desenvolver o seu caráter, a sua moralidade, sem com isso deixar de ser democrática.

O ser humano não pode se comportar como animais em bando, cada um saciando suas próprias vontades, ignorando os conceitos éticos que dão à vida um sentido e uma razão de ser. Limites e disciplina são conceitos que aprendemos depois que nascemos, e alguém tem que nos ensinar tais conceitos. (TIBA, 1996, p. 174)

A escola é o lugar propício para o amadurecimento de valores que são transmitidos em casa. Há uma confusão de ideias no que toca aos direitos e deveres das crianças e adolescentes. Não é aconselhável que o indivíduo que ainda não tem sua personalidade amadurecida, responsabilize-se por seus atos sem que tenha tido algum direcionamento a esse respeito.

E para isto, somente resta à escola uma solução: lembrar e fazer lembrar em alto e bom tom a seus alunos e à sociedade como um todo que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania. E, para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos. Não há democracia se houver completo desprezo pela opinião pública. (AQUINO, 1996, p.23)

A escola, por vezes, vê-se no dever de educar as crianças, posto que seus familiares se isentem dessa obrigação. Com isso, deixa de ensinar o seu currículo para conter a indisciplina e o desinteresse dos alunos. Sabe-se, no entanto, que não é obrigação exclusiva da escola promover a educação das crianças.

O que a indisciplina, desde este ponto de vista, estaria revelando então? Que se trata supostamente de um sintoma de relações familiares desagregadoras, incapazes de realizar a

contento sua parcela no trabalho educacional das crianças e adolescentes. Um esfacelamento do papel clássico da instituição família, enfim. (AQUINO, 1996, p. 46)

E dessa maneira, não há como se desenvolver um bom trabalho. Torna-se mais difícil que a aprendizagem aconteça, pois os professores passam muito tempo tentando conter os alunos, enquanto poderia estar transmitindo mais conhecimento.

Percebemos que os pais de hoje procuram corrigir os erros dos pais de outrora, ou seja, buscam ser melhores que seus pais foram com eles e, com isso, ofertam uma educação permissiva que faz com que a criança se torne indisciplinada e passe a agir de acordo com seus próprios preceitos. Essa atitude poderá acarretar na formação de um adulto sem limite, sem regras, isso porque seus pais se sentem levados a proporcionar um liberalismo descomedido. Para Tiba (1996, p. 63),

Esses pais tornaram-se anti-repressivos, com dificuldade para impor limite aos filhos. Quando as crianças passam da conta, o medo de reprimir é tanto que os pais simplesmente as deixam fazer o que querem. Esse medo pode ser traduzido por: “Não devo dizer não, caso contrário, vou me sentir um pai autoritário e distante, assumindo o odioso comportamento do pai que eu mesmo tive”.

O problema da indisciplina também se revela quando os pais realizam todas as vontades de seus filhos acreditando que assim estão fazendo o melhor para sua educação. Essa atitude, mesmo que inconsciente, acaba por promover ainda mais o narcisismo nas crianças e o desejo de “ter” acima de qualquer coisa. De acordo com Tiba (1996, p. 190), “Quando uma criança cresce sem limites, podendo fazer tudo o que tiver vontade, acaba não desenvolvendo plenamente o uso da razão, vivendo no estilo animal de vida.” Para ele, as vontades da criança são saciadas, mas ela não é feliz porque, tão logo a saciedade passa, pede outra vez aquilo pelo qual seus instintos clamam.

3.3 A INTERFERÊNCIA DAS MUDANÇAS SOCIAIS NO CONVÍVIO FAMILIAR E NA ESCOLA

As mudanças que têm ocorrido ultimamente na sociedade vêm contribuindo com o crescimento da desordem que tem acometido as famílias. Hoje os tipos de famílias existentes são muito diferentes e torna-se cada vez mais raro aquele modelo constituído de pai, mãe e filhos, ou seja, a família monogâmica.

É possível que no século XXI se presencie o surgimento de novas configurações familiares e sociais com o aumento das mudanças familiares; com novas configurações, distintas daquelas dos casamentos monogâmicos, devido ao alto índice de divórcios. Porém, Roudinesco (2003), afirma que a família humana é uma instituição insubstituível para a constituição de sujeitos em desenvolvimento. (ROUDINESCO apud CASARIN, 2007, p.16)

Percebemos um aumento considerável de crianças e adolescentes que são criados pelos avós porque os pais estão em um novo relacionamento ou estão trabalhando fora e não lhes resta tempo para

estarem com seus filhos e repassam a responsabilidade da educação dos mesmos para seus pais ou ex-sogros. Quando isso acontece, a chance das crianças tornarem-se autoritárias e mimadas é bem maior, pois os avós procuram compensar com os netos o tempo que não tiveram com seus filhos. No entanto, “Se a avó entrou, a mãe deixou. Em troca do conforto físico, ela paga caro o desconforto psicológico.” (TIBA, 1996, p. 211)

Grande parte dos pais que se divorciam ou possuem uma carga horária muito grande no trabalho esquece a responsabilidade com a educação de seus filhos e a transfere à escola. Essa atitude faz com que aquela criança, ou adolescente, sintam-se rejeitados e revelem sua insatisfação agindo com agressividade ou intolerância às regras que lhes são impostas pela escola e pela sociedade. Sentem-se abandonados, ignorados, preteridos e isso acarreta na indisciplina. Tiba (1996) afirma que teoricamente a responsabilidade do indivíduo seria da família e que caberia à escola a responsabilidade por sua informação. Para ele, “A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam.” (p. 111)

Filhos de pais recentemente separados ou divorciados tendem a causar mais problemas na escola e isso interfere diretamente em sua aprendizagem, pois o seu psicológico torna-se fragilizado e instável. Os adultos não pensam nas consequências que suas decisões poderão acarretar na vida dos filhos. Aliás, não pensam, antes de gerá-los, no compromisso que isso lhes remeterá. Os casamentos se desfazem à medida em que os adultos desejam que assim o seja, independente do que isso poderá ocasionar na vida de seus filhos.

Percebo que existe um importante período inicial durante o qual o casal sem filhos passa por um processo intenso, mútuo, de adaptação emocional e, se esse processo não ocorrer o casal pode não apresentar maturidade suficiente para lidar com eventuais dificuldades, o que pode gerar a ruptura da família. De acordo com Eizirik (2001), isso resulta na formação de novas famílias, e cada vez mais crianças estão vivendo nessas novas famílias, devido ao rompimento da sua família anterior. Ocorre que esses novos lares não estão prontos para terem filhos, porém já iniciam com eles, frutos de relações anteriores desfeitas. E, segundo o autor, essa é a principal razão de 60% dos segundos casamentos terminarem em divórcio em menos de cinco anos. (EIZIRIK apud CASARIN, 2007, p. 27 e 28)

3.4 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA O SUCESSO DA APRENDIZAGEM

A afetividade está diretamente ligada à aprendizagem do aluno e à sua disciplina. A disciplina é algo imprescindível à educação das crianças e jovens. É necessário que se estabeleça regras e que se mantenha o compromisso de garantir que estas sejam cumpridas, independentemente de se manter o convívio diário com as crianças ou não. Segundo Tiba (1996, p. 112):

Para atingirmos o objetivo maior da felicidade precisamos da disciplina. É ela que nos ajuda a não sofrer quando algumas pequenas vontades, menos essenciais ao ser humano não podem

ser satisfeitas. A disciplina é um dos pilares do crescimento civilizacional do homem e, conseqüentemente, um valor social importante.

Quando acontece dos pais serem super protetores ou se mostrarem dispostos a fazer todas as vontades de seus filhos, o risco dos mesmos tornarem-se alunos egoístas e não aceitarem a disciplina que é apresentada pela escola é bem maior. Isso origina vários problemas, inclusive no que diz respeito à intolerância e à violência. A criança tende a creditar que todas as suas vontades devam ser concretizadas. Os pais podem não se dar conta de imediato, mas estão causando um sério problema na formação do caráter de seus filhos.

A violência é uma semente colocada na criança pela própria família, que, encontrando terreno fértil dentro de casa, se tornará uma planta rebelde na escola, expandindo-se depois em direção à sociedade. Quando os pais deixam o filho fazer tudo o que deseja, sem impor-lhe regras ou limites, ele acredita que suas vontades são leis que todos devem acatar. Então, se um dia alguém o contraria, esse filho pode tornar-se, num primeiro momento, agressivo, mas depois partir para a violência, exigindo que se faça aquilo que ele quer. É o filho supermimado. (TIBA, 1996, p. 150)

A família é essencialmente necessária à formação do indivíduo. Quando os pais são atuantes, participam da vida escolar dos filhos, se envolvem nas atividades e acompanham seu desenvolvimento ajudando-os a inteirar-se das atividades que estão sendo realizadas, estarão contribuindo de maneira significativa e comprometendo-se a dar apoio à educação escolar dos mesmos. (LUCAS e SMITH, 2004, p. 90-91)

A desestrutura familiar proporciona um grande desastre na educação de crianças e jovens. As pessoas estão distanciando-se cada vez mais, mas continuam casando-se e recasando-se. Portanto, a complexidade do que se entende por família tem aumentado. “O ser humano precisa de segurança afetiva, ainda não encontrou a melhor forma de conviver e de criar filhos. É pena que estes estão sendo prejudicados em virtude do despreparo e de buscas pessoais.” (CASARIN, 2007, p. 40)

Não apenas os filhos que convivem com pais separados, mas também aqueles que possuem pais alcoólatras ou viciados em outras drogas possuem sérios problemas de ordem afetiva. Quando isso acontece, o aluno não se relaciona bem com os colegas e professores e, geralmente, reproduzem as atitudes de agressão que presenciam em casa, nos colegas. Esse aluno tende a não conversar, rejeitar a atenção que é dada pelo professor, nega-se a participar de atividades que envolvam a interação e nega-se a falar sobre família e afetividade.

Todo ser humano necessita de um ambiente saudável, que propicie desenvolvimento, principalmente os filhos, que acredito, merecem respeito dos pais, para que possam amadurecer e ter independência. Dessa forma, penso que a criança passa a ter referências seguras, consistentes e consciência de suas possibilidades, quando é capaz de sentir segurança interna, auto-estima, estabelecendo uma relação de trocas e acreditando em si. (CASARIN, 2007, p. 57)

Quando a criança vem de um ambiente precário, sem um mínimo de condições financeiras, tende a ter sua afetividade fragilizada e isso atrapalha diretamente na sua socialização e, por consequência, em sua aprendizagem. Para Romero (1995) apud Casarin (2007, p. 52), “As dificuldades de aprendizagem, [...], podem ser causadas por variáveis pessoais, por ambientes desfavoráveis e por uma combinação interativa de ambos. Esse autor chega a destacar a pobreza como um dos principais vilões em relação à aprendizagem escolar.”

Outro fator que está diretamente ligado às dificuldades de aprendizagem e disciplina é o fator econômico. Uma criança que não possua um mínimo de condições financeiras passa a sentir-se inferior aos demais e pode vir a ser vítima de bullying. A sociedade costuma ser cruel com quem é tido como inferior, com o diferente. Não é raro presenciar atitudes de agressividade partida de alunos que usaram a força para se defender de ofensas praticadas por colegas porque os mesmos não possuíam as características iguais à dos colegas advindos de famílias com mais recursos.

Valmaseda (1995) refere-se à diferença de classes sociais, e chega a afirmar que crianças oriundas de ambientes familiares que oferecem maiores oportunidades para a aprendizagem chegarão à escola mais preparadas para aprender os conteúdos ministrados pelos professores. Pode não acontecer o mesmo com quem passa por uma experiência de maior ou menor pobreza, pois terá maior propensão ao fracasso escolar. (VALMASEDA apud CASARIN, 2007, p. 55)

Quando levamos em consideração as relações interpessoais, torna-se mais fácil conseguirmos sucesso no desenvolvimento do acesso ao conhecimento. Não há como ignorar o fator afetivo. Se o aluno sentir-se bem e confiar no professor, poderá apresentar-se seguro também para tirar dúvidas e participar melhor das aulas. “A sala de aula não é um exército de pessoas caladas nem um teatro onde o professor é o único ator e os alunos, espectadores passivos. Todos são atores da educação. A educação deve ser participativa.” (CURY, 2008, p. 90) Faz-se necessário valorizar o aluno enquanto cidadão, pessoa, indivíduo e sujeito. Ele é alguém merecedor de todo o nosso respeito. Almeida e Mahoney (2007) apontam a relação professor/aluno como essenciais para o progresso na sala de aula. E isso pôde ser constatado com êxito na pesquisa que realizaram. Para elas:

Há ainda que se destacar a necessidade de atentar e refletir sobre a afetividade presente no processo ensino-aprendizagem, bem como a de estarmos sempre muito atentos ao que nossos alunos e nossas alunas têm a dizer. Ouvi-los(as) falar sobre suas vivências e seus sentimentos na escola constitui-se num diferencial deste estudo que mostrou que as crianças têm muito a comunicar e a informar de forma autêntica e enriquecedora. A possibilidade de se expressarem de forma tão espontânea, e verdadeira, como ocorreu, permitiu penetrar nesse universo afetivo e perceber o quanto a educação, hoje, precisa aprender ou saber como lidar com ele. (p. 41)

Na escola, para que o professor possa garantir efetivamente o seu espaço de direito, é necessário que ele procure agir de maneira democrática, mas se adaptando às novas realidades. Precisa possuir

autoridade, mas sem autoritarismo. Para Vasconcellos (2013), o professor precisa estar preparado “tanto do ponto de vista da concepção pedagógica, como até do domínio do conteúdo.” Caso contrário, o professor despreparado “fica fragilizado para, digamos, “impor” disciplina. Ele não tem nem moral para isso, porque nem o básico do básico domina.” (p. 7) Partindo desse pressuposto:

Os requisitos para um professor ser adorado é combinar senso de humor e movimentação cênica (falar não só com a boca, mas com o corpo inteiro); é saber estabelecer o limite entre o adequado e o inadequado; é saber ouvir e exigir quando necessário. Como coordenador de grupo, ele tem uma autoridade a ser exercida, que inclusive é esperada pelos alunos. Na falta dela, se deixar tudo por conta dos estudantes, a classe se dispersa. (TIBA, 1996, p. 124)

Não apenas o aluno precisa estar bem emocionalmente, mas também o professor, pois os alunos costumam testar a todo o tempo sua paciência, seu controle e caso ele não esteja preparado para esse enfrentamento poderá tomar alguma atitude impensada que levará seu aluno, ou a turma inteira, a julgar que ele não é capaz de gerenciar a sala de aula. “Assim, a indisciplina deveria nos remeter não só a discussão sobre os conteúdos e às experiências de aprendizagem, mas também pôr em questão a qualidade da relação entre professores e estudantes e a legitimidade da autoridade docente para decidir sobre currículo da forma como tradicionalmente ocorre.” (GARCIA, 2013, p.97)

O professor necessita ter em mente que na sala de aula, para se obter um bom resultado, é necessário levar-se em conta que tão importante quanto o cognitivo é também o afetivo. Cury (2008, p. 48) afirma que:

Um professor fascinante é mestre da sensibilidade. Ele sabe proteger a emoção nos focos de tensão. O que significa isso? Significa não deixar que a agressividade e as atitudes impensadas dos seus alunos, roubem sua tranquilidade. [...] Ele procura acolher seus alunos e compreendê-los, mesmo os mais difíceis.

Quanto à escola, podemos levar em consideração a afirmação de Chalita (2009, p. 51) quando nos propõe uma visão mais humanizada que remete à afetividade e ao respeito às diferenças daquele ambiente. Segundo o autor:

Não precisamos de uma escola que nos traga todas as informações. O mundo já cumpre esse papel. Não precisamos de uma escola que nos transforme em máquinas, todas iguais. Não. Seria um crime reduzir o gigante que reside em nosso interior. Seria um crime esperar que o vôo fosse sempre do mesmo tamanho, da mesma velocidade ou da mesma altura. (CHALITA, 2009, p. 51)

A escola precisa trabalhar, periodicamente a relação professor/aluno, posto que se há um problema de indisciplina na sala de aula, o professor é a pessoa mais indicada para resolvê-lo. É ele que deverá observar os anseios de seus alunos. Quando o professor se aproveita de sua autoridade para punir ou coagi-los por não dominar o currículo ou por não estar satisfeito com sua profissão, estará,

desnecessariamente, se tornando um castrador de sonhos e boas expectativas. Poderá desmotivá-los a ponto de fazê-los desistir de estudar ou tornarem-se agressivos ou ainda, introspectivos. Segundo Chalita (2001, p. 165):

Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado! E o professor é capaz de fazer isso. Para quem teve uma formação rígida, é difícil expressar os sentimentos; há pessoas que não conseguem sorrir. O professor tem de quebrar as barreiras e trabalhar suas limitações e dos alunos.

Torna-se necessário à escola observar também que os alunos muitas vezes tornam-se indisciplinados por não perceberem confiança no professor que está ministrando a aula e não aceitam ser subestimados.

Quando eles resistem a cumprir certos percursos curriculares, podem estar sinalizando que não desejam agir como sujeitos passivos, incondicionalmente dispostos a internalizar valores e atitudes e a desenvolver habilidades que lhes darão passagem para posições sociais similares às dos seus pais. (CUBAN apud GARCIA, 2013, p.96)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer das reflexões apresentadas buscamos colocar em evidência aspectos relacionados à família, à escola, à afetividade e à indisciplina apontando a peculiaridade de cada um desses itens. Apontamos a necessidade de haver uma parceria consistente entre família e escola para garantir uma educação de qualidade para crianças e jovens.

O professor exerce uma função imprescindível à educação do indivíduo. Ele o acompanha em suas conquistas e suas dificuldades ao longo do tempo em que passam juntos na escola. Pode ajudá-lo também, se mantiver um contato afetivo com ele. Isso não quer dizer que a família possa se isentar de suas obrigações. Todas essas questões foram colocadas no desenvolvimento dessa pesquisa.

É preciso que todos estejam comprometidos com a prática educacional, resgatando-se valores éticos, sociais e culturais, entre outros. A partir desse pressuposto, afirmamos o papel de cada um dos sujeitos envolvidos nesse contexto. Inclusive destacamos os cuidados que a família precisa manter para que seus filhos possam sentir-se amados e prontos para desenvolver o sentido da vida.

Deixamos claro nossa preocupação com a indisciplina que vem crescendo demasiadamente entre as crianças e jovens decorrentes dos problemas de ordem afetiva em casa e na escola. Apontamos a necessidade de haver mais humanização nas ações realizadas, em ambos os espaços, para que haja eficácia nessas ações e temos a pretensão de ter contribuído com essa pesquisa para a melhoria desses resultados, já que procuramos organizar um material focado na valorização do ser humano.

A pesquisa mostra que a afetividade está presente em todos os âmbitos da escola, inclusive no fortalecimento do aspecto cognitivo. Salientamos que não tratamos aqui de proposições utópicas ou

abstratas. Realmente almejamos uma educação de qualidade e sabemos que isso torna-se possível à medida em que cada sujeito envolvido faça sua parte, sobretudo pais/responsáveis, professores, alunos e gestores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

AQUINO, Julio Groppa – organização. Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas. – São Paulo: Summus, 1996.

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca. Família e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) – Faculdade de Física, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, 2007.

CHALITA, Gabriel. A solução está no afeto. São Paulo: Gente; 2001.

_____. Educar em oração. São Paulo: Canção Nova; 2004.

CURY, Augusto. Pais brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante; 2008.

GARCIA, Joe. A indisciplina e seus impactos no currículo escolar. Nova Escola: Abril - nº 261, abril - 2013.

LUCAS, Bill; SMITH, Alistair. Pais atuantes, crianças felizes – Um guia básico de educação. Curitiba: Positivo; 2004.

MARCHESI A. EL valor de educar a todos em um mundo diverso y desigual, Los sentidos de La educación. Revista Prelac. Santiago, Chile, OREALC, UNESCO, nº2, 2006. Disponível em: www.unesco.cl/revistaprelac. Acesso em setembro de 2013.

MARTINELLI, S. C. Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem. Em F. F. Sisto; E. Boruchovitch; L. D. T. Fini; R. P. Brenelli & S. C. Martinelli (Orgs.), Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico (pp. 99-121). Petrópolis, RJ: Vozes.

TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. São Paulo: Gente; 1996 – 1ª ed.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Disciplina e indisciplina na escola. Entrevista – Presença Pedagógica: Dimensão – nº 112, jul./ago. - 2013.